

A MULHER NA NARRATIVA CURTA DE JORGE AMADO: UMA LEITURA DE “DE COMO O MULATO PORCIÚNCULA DESCARREGOU SEU DEFUNTO”

THE WOMAN IN JORGE AMADO'S SHORT NARRATIVE: A READING OF “DE COMO O MULATO PORCIÚNCULA DESCARREGOU SEU DEFUNTO”

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - Brasil; Doutorando em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil.

E-mail: marcossantos@professor.uema.br
ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-6892-5056>

Ilka Vanessa Meireles Santos

Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - Brasil; Doutorando em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil.

E-mail: ilka.santos@ifma.edu.br
ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-1286-7678>

Resumo: Este artigo trata da escrita de Jorge Amado, mais especificamente do conto “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”. Objetiva, portanto, analisar como a mulher é retratada no conto em questão. Entre tantas questões sociais abordadas pelo escritor, seu engajamento literário também deu espaço para a desconstrução do pensamento patriarcal fortemente enraizado na sociedade, quando retrata personagens femininas que confrontam esse sistema. Amado demonstra muita sensibilidade ao representar figuras femininas e suas aflições. No caso da narrativa em questão, sua leitura evidencia que a mulher assume o protagonismo e faz de sua vulnerabilidade a força e a coragem para combater as agruras da vida. A narrativa faz repensar estruturas sociais que oprimem e que determinam os lugares sociais a serem ou não ocupados pelas mulheres.

Palavras-chave: Jorge Amado; “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”; Representação feminina.

Abstract: This article deals with the writing of Jorge Amado, more specifically with the short story “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”. It aims, therefore, to analyze how the woman is portrayed in the story in question. Among so many social issues addressed by the writer, his literary engagement also gave space to the deconstruction of patriarchal thinking strongly rooted in society, when he portrays female characters who confront this system. Amado shows a lot of sensitivity when depicting female figures and their afflictions. In the case of the narrative in question, its reading shows that women take the lead and make their vulnerability the strength and courage to fight the hardships of life. The narrative makes us rethink social structures that oppress and determine the social places to be occupied or not by women.

Keywords: Jorge Amado; “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”; Female representation.

1 Introdução

A arte de narrar, de contar histórias sejam elas escritas ou oralmente, há muito tempo se faz presente na vida humana e tornou-se uma necessidade inerente ao desejo de nos expressar por meio de uma linguagem

que traz beleza e grandiosidade às palavras que, por sua vez, são capazes de (re)criar universos distantes ou não de nossa realidade. Nesse sentido, muitos já se debruçaram e ainda se debruçam sobre o exercício da escrita, na tentativa de trazer à luz os desejos, os problemas, os prazeres e os sentimentos mais íntimos do ser humano. A escrita literária, de tal forma, representa uma estreita relação entre o homem e o mundo, refletindo formas de ser e estar no universo.

Os textos literários trazem à tona muitas situações da vida humana, colocadas em diferentes tempos, espaços e perspectivas, mostrando-se significativas especialmente por conta da potência que a palavra criadora atribui a elas. Nesse sentido, a literatura e a vida são inseparáveis, embora tendamos a entender a vida como realidade e a literatura como ficção. Nesse sentido, vale ressaltar que os limites entre realidade e ficção tem se tornado cada vez mais estreitos conforme a produção literária se transforma e ganha novos moldes. A literatura cumpre, pois, diversas funções na vida e no meio social em que circula, transformando-os. Dentre elas, a função de engajamento, trazendo à tona denúncias acerca de importantes problemas de ordem social e humana, função lúdica, no sentido que de a leitura proporciona prazer e até mesmo evasão, uma espécie de fuga da realidade para os leitores, o que corresponde a um nobre papel: o de suprir um espaço que somente a realidade física não dá conta.

Assim, a poesia e as narrativas são fundamentais ao homem, e nesse conjunto há que se destacar o poder da narrativa curta, poderosa ao ponto de provocar efeitos de intensidade maior que sua própria extensão, e nessa perspectiva se incluem os contos. O conto, entre tantas formas literárias, merece destaque porque cativa de forma única os

leitores, ganhando-o de vez. Sua fórmula provocadora tem instigado tanto escritores como leitores a cultivá-lo. No Brasil são muitos os escritores que se dedicaram à escrita dessas narrativas breves, e embora não tenha sido o forte da produção de Jorge Amado, o autor também explorou a escrita de contos.

Com grande destaque como romancista, o escritor traz importantes questões sociais em sua obra, atribuindo valor aos tipos humanos mais vulneráveis e socialmente negligenciados. Por sua vez, isso também aparece em sua escrita contística, uma vez que o conto possui uma escrita breve, mas não menos densa que a do próprio romance, sendo capaz de tratar de questões relevantes de forma consciente, transcendente, ética e estética. Dito isso, aqui nos propomos a analisar um conto de Jorge Amado, a saber, “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”. Entre tantas questões importantes abordadas na escrita do conto, podemos destacar o papel e a representação atribuída à mulher na narrativa que, por sua vez, acaba sendo um retrato da época a que o texto faz referência. Nosso objetivo é analisar como a mulher é retratada no conto em questão. Para tanto, aliado ao texto literário, a teoria nos conduzirá nesse caminho.

2 O autor e sua escrita

Inaugurada em 1931 com a publicação de seu primeiro romance *O país do Carnaval*, a produção literária do escritor Jorge Amado (1912 -2001) carrega em si uma estrutura temática que se desdobra e se atualiza em seus romances, contos e crônicas, os quais abordam um estilo narrativo que combina poesia com documentos e crítica social.

As obras de Jorge Amado estão entre as mais importantes do romance brasileiro

moderno e estão fundamentalmente focadas nas raízes da nação. Dessa forma, Amado adotou ou internalizou o sentido de sua vida e obra de acordo com os ideais de brasilidade, especialmente a brasilidade popular multiétnica, que ele mesmo ajudou a criar e difundir. Duas tendências podem ser percebidas na obra de Amado: uma que se inclina para a crítica social e outra que se inclina para documentar os costumes. Essa divisão em fases não implica afirmar que haja uma ruptura de uma fase para outra, apenas torna mais evidente a flexibilidade da produção literária do autor. A partir de tal perspectiva, tem-se nas palavras do escritor essa mudança de posicionamento ao longo de sua carreira:

No decorrer do meu amadurecimento como escritor, essa unidade adquiriu esta ou aquela característica mais sensível. Nos meus primeiros livros busquei reforçar a ação através do panfleto político e do discurso doutrinário acentuando a existência dos problemas sociais expondo soluções. Nos últimos livros, as existências dos problemas sociais, os conflitos políticos, a conotação doutrinária resulta tão somente da ação descrita e não do panfleto e discurso, o que significa um avanço, seja na qualidade literária, seja inclusive na condição de engajamento de minha literatura. Ademais um novo elemento da luta, o riso somou-se aos anteriores, arma poderosa (Amado apud Calixto, 2011, p. 19).

O autor não considera uma ruptura em seu processo de criação literária; ao contrário, ele entende que suas obras refletem o momento que está vivenciando e sua percepção em relação ao povo brasileiro, o que caracteriza o processo de maturação de sua escrita. Uma das peculiaridades marcantes na obra de Jorge Amado é o tratamento dado à linguagem, caracterizada pela simplicidade e um tom coloquial e popular, usada para destacar tipos sociais como o negro, o pobre, os marginalizados - todos aqueles que são

excluídos da sociedade, apresentando-os de uma forma diferente suas vidas, seus pensamentos, seus desejos e enfatizando que eles também são humanos. A composição de personagens inesquecíveis entrelaça uma longa galeria de homens e mulheres marcados pelo sofrimento, como se pode observar no conto “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”, de 1959, em que os dois personagens principais estão envoltos em meio ao romantismo e ao sincretismo religioso, característica do estilo do autor.

Ao longo da obra de Jorge Amado, que datam de 1931 a 1997, o autor escreveu 24 romances, duas biografias, dois guias de viagem, duas memórias, uma peça de teatro e um livro infantil. De toda sua intensa produção literária, Jorge Amado é mais conhecido do público leitor pelos romances, embora durante a trajetória de escritor também tenha se dedicado à escrita de contos, apesar de não ter se destacado como contista, tem-se, pelo menos, oito contos publicados: *Sentimentalismo* (1931); *O homem da mulher e a mulher do homem* (1931); *História do Carnaval* (1945); *De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto* (1959); *As mortes e o triunfo de Rosalinda* (1965); *Do recente milagre dos pássaros acontecido em terras de Alagoas, nas Ribanceiras do Rio São Francisco* (1979); *O episódio de Siroca* (1982); e *Do jogo de dados e dos rígidos princípios* (196?).

A ficção de Jorge Amado apresenta personagens femininas que transgridem e transpõem paradigmas negativos destinados à mulher, pois subvertem as convenções sociais, o que se observa, por exemplo, em uma de suas principais personagens, Gabriela: “...lutar com as armas de que dispõe pela liberdade contra a opressão. Liberdade de pensar, agir, proceder, [...] cada qual constrói sua vida e seu próprio destino” (Amado, apud Santos 1993).

Nota-se, portanto, que as personagens femininas do escritor passam a ser aquelas que violam todos os arquétipos (obediência, humildade, lealdade, bondade etc.). Porém, mesmo libertas, ainda representam a forma mais antiga e atraente de feminilidade: a sedução. As representações femininas de Amado revelam um período em que as mulheres eram vistas como criaturas subordinadas à figura masculina. Segundo Stearns (2007), o patriarcado enfatizou culturalmente a inferioridade das mulheres e a sua vulnerabilidade. Respeitavam os deveres domésticos e, por vezes, restringiam os direitos das mulheres de ocupar espaços públicos. O grau de patriarcado foi intenso e generalizado, sendo que:

[...] uma mulher desonrada ‘ofendia’: a) à autoridade paterna; b) às formas estabelecidas pelo discurso católico quanto ao casamento e ao batizado; c) à reputação pública da família; d) a sua própria integridade moral; e) ao patrimônio familiar; f) ao estado. Pudor e fidelidade eram requisitos exigidos de uma mulher honrada. Ao contrário, estava ‘solta na buraqueira’ (Buriti, 2004, p. 3).

Desse modo, tem-se caracterizada a hierarquia de gênero, em que o homem detém o poder sobre o feminino, estabelecendo-se uma relação de dependência em que a mulher se torna submissa aos homens, sendo muitas vezes enganada ou desprezada por eles, além de ser objeto de desejo sexual. Jorge Amado se utilizou desses motes para composição de várias de suas produções, em que, segundo Giovanni Riccardi (1990), o escritor adota uma estratégia de narrar os fatos sociais a partir das personagens femininas, deslocando sua perspectiva para elas com um olhar realista.

Um dos temas recorrentes nas obras de Jorge Amado é, por exemplo, a prostituição, em que a representação das mulheres ocorre em

meio ao discurso de esse ser o único modo de sobrevivência para muitas, sendo, portanto, uma das críticas direcionadas ao autor, pois as personagens femininas vítimas de abuso ou abandono do marido consideram a prostituição como a primeira escolha, o que demonstra uma visão sexista do autor, que sugere que o sexo é a única habilidade que as mulheres possuem. Nos escritos de Jorge Amado, tem-se alguns casos representativos da prostituição por meio de seus romances, como *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Gabriela Cravo e Canela*, *Teresa Batista Cansada de Guerra*, *Tieta do Agreste*, dentre outros, e no conto em análise, em que alguns dos personagens e cenários do conto reaparecem no romance *Os pastores da noite*, de 1964, tendo como exemplo o mulato Porciúncula, Maria do Véu e Tibéria.

Jorge Amado se inscreve, à sua maneira, na lista de romancistas brasileiros que tematizam sobre a prostituição feminina. Na esfera das relações de gênero, ao separar as personagens femininas nos grupos “do lar” e “da prostituição”, Amado faz com que sua literatura revele as representações de caráter tipicamente patriarcal em relação às mulheres. Embora Jorge Amado não represente a esfera doméstica como um local puro, expondo, inclusive, críticas aos valores patriarcais, suas personagens femininas aparecem classificadas como “santas” e “putas”, o que reforça o caráter contraditório das representações, como exemplifica Scott (1991), que afirma que a sombra da prostituição que se estabeleceu ainda define a conduta do comportamento feminino, ou seja, dita as regras para as mulheres “honestas, de família”, aspecto que se torna evidente nas obras de Jorge Amado.

3 A mulher na narrativa breve de Jorge Amado: Maria do Véu e a representação do feminino

Jorge Amado é um dos escritores mais representativos da literatura brasileira, dono de uma vasta obra que se propôs a dialogar diretamente com a cultura e a história de seu povo. Nesse rol de produções, é comum encontrar especialmente romances, narrativas que se consolidaram nas letras brasileiras e, ainda, com bastante destaque em grande parte do mundo. Por outro lado, a publicação de contos, essas narrativas breves, não teve tanto destaque dentre os trabalhos do autor. Ainda assim, Jorge Amado explorou o terreno da escrita breve, essa arte não menos potente que o próprio romance, e a realizou de forma tão cuidadosa quanto leve.

“De quando o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto”, conto objeto de nossa análise, foi publicado pela primeira vez em 1959, na revista *Senhor*. No ano de 2004, é editado e publicado pela fundação Jorge Amado, em coletânea de contos. A narrativa, por sua vez, é exemplar entre aquelas de curta extensão escritas por Jorge Amado e ainda é pouco conhecida entre os leitores. Sua circulação ainda é, de certo modo, restrita. A leitura é uma agradável surpresa, seja pela simplicidade, pelos elementos de humor que carrega, por lembrar traços do cordel ou pela representação da vida humilde e o resgate da simplicidade do homem.

A narrativa acontece como uma conversa de bar, e inicialmente parece contar sobre a história de um gringo, o qual não é nomeado, e em torno do qual parece existir um segredo sobre a morte que carrega. No entanto, ainda no início, somos levados à percepção de que a história do gringo não será o destaque, mas sim, a do mulato Porciúncula. Um narrador heterodiegético, que demonstra

conhecer os detalhes do caso narrado, nos apresenta recortes da vida do mulato e sua paixão platônica, do amor não concretizado. Porciúncula tem uma paixão por Maria do Véu, uma adolescente que é expulsa de casa pelo pai, que descobrira que a filha perdera sua virgindade. À menina não restará muitas opções, precisa se prostituir para que possa se sustentar. No entanto, guarda um grande sonho, o de se casar.

A personagem Maria do Véu é imprescindível para a análise e a discussão que objetivamos realizar. É sobre ela que nos ateremos, tendo em vista a categoria mulher e sua presença na narrativa breve de Jorge Amado. Traçado um pouco do perfil da personagem, destacamos, ainda, que na obra do escritor é comum encontrarmos a presença feminina, inclusive, a da prostituta, como em *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972). Jorge Amado demonstra grande sensibilidade ao representar figuras femininas e suas aflições. Por meio da escrita, transparece o valor que atribui ao humano, resgatando tipos inferiorizados e marginalizados e ressignificando suas existências, explorando o valor dessas vidas.

De maneira geral, na obra do escritor a figura da prostituta transparece uma ambiguidade que pode ser compreendida através da dualidade entre pureza e imoralidade. É nesse lugar que está Maria do Véu, que embora às noites rume ao cais em busca de clientes, acima de tudo o que permanece é a pureza de sua alma e a bondade que carrega. Acerca da figura da mulher prostituta na literatura, Figueiredo (2005, p. 1) destaca que “[...] a Literatura também se ocupa desse tema [da prostituição feminina], projetando as causas e efeitos desse fenômeno social. Por meio de romances, contos, poemas, a Literatura traz à tona a imagem da prostituta,

dando-lhe voz e lhe humanizando perante a sociedade”.

No caso de Maria do Véu, a prostituta é acima de tudo humana, mulher de sentimentos e aspirações. O seu jeito simples e os sonhos de menina que guarda consigo são essenciais para compreendermos seu perfil de mulher. Segundo nos é apresentado pelo narrador e revelado pela fala de Porciúncula:

[...] Maria chegara por ali e logo todo mundo só a tratava de Maria do Véu. Por causa daquela mania de não perder casamento, de olho arregalado para os vestidos de noiva. Essa Maria do Véu foi muito falada na beira do cais. Era uma boniteza e Porciúncula, todo cheio de letras, dizia que ela semelhava uma aparição vinda do mar, à noite, quando rondava no porto (Amado, 2008, p. 18-20).

Maria do Véu, que na verdade se chama Maria Batista, recebe esse novo nome porque tem o costume de apreciar, como ninguém, celebrações de matrimônio. Ela sonha em poder usar um vestido de noiva, deslumbra-se com a ideia. Assim, ficou conhecida por Maria do Véu, descrita como uma bela mulher. Sua beleza, pois, não advém apenas de suas características físicas ou externas, é especialmente de sua simplicidade e da bondade que ela transparece, sendo, portanto, admirada por todos e especialmente por Porciúncula. Maria, desde cedo, precisou ser forte, enfrentar a vida e os olhares do outro, carregando consigo as marcas da violência patriarcal e as imposições sociais de gênero que lhe foram destinadas. Eis que se inicia a trajetória de Maria do Véu no castelo (prostíbulo) em que vive e trabalha, acolhida por Tibéria, dona da casa de raparigas:

Ficara tão do cais, como se ali tivesse nascido, quando, em vez disso, veio foi do interior, vestida de mulambos e ainda com a lembrança das pancadas. Porque o velho Batista, seu pai, não era de pilhérias e quando soube do acontecido, que o

filho do coronel Barbosa tinha tirado os três da bichinha, ainda verdinhos que nem araquá azedo, virou fera, agarrou o cajado e deu nela de tirar bicho. Depois botou ela pela porta afora, não queria mulher-dama em sua casa. Lugar de mulher-dama é em rua de canto, lugar de perdida é em rua de perdição. Assim dizia o velho, baixando o porrete na menina, cheio de raiva, de raiva e de dor, ao ver a filha de quinze anos, bonita como uma sereia, já sem os três, sem outra serventia senão para puta. Foi assim que Maria Batista virou Maria do Véu e terminou vindo pra capital pois lá na terra dela, um fim de mundo, não havia futuro na carreira de meretriz (Amado, 2008, p. 20-21).

Apesar de não ficar determinado o tempo exato em que a narrativa se passa, podemos fazer uma retomada ao passado e encontrar indícios do controle patriarcal sobre a mulher, das relações de poder existentes e do lugar social reservado para as mulheres. Há, ainda, a distinção dos espaços destinados às mulheres de bem e as mulheres-damas. É evidente que, nesse contexto, o homem é quem determina esses espaços e exerce de violência contra a mulher quando contrariado. Isso acontece porque na organização social patriarcal “o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (Saffioti, 1999, p. 88).

O olhar masculino não só julga, mas também cria padrões sociais que buscam moldar o comportamento da mulher. A virgindade feminina é objeto de controle. O pai espera o controle sobre o corpo e as vontades da filha, e quando contrariado a violência se impõe sobre a mulher como forma de reafirmação das demandas do patriarcado, por sua vez marcadas no corpo e na alma feminina. Embora idealizada pelo pai, Maria do Véu é uma mulher real, com desejos, sonhos, erros e

acertos, ávida por viver sua história. No que diz respeito à sexualidade feminina e à exigência de castidade e de fidelidade imposta pela cultura do patriarcado, Del Priore (2006) traça um histórico demonstrando que:

Todo um dispositivo de controle se colocava, então, em funcionamento a fim de preservar a reputação e a honra da moça, representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio burguês. [...] a mulher que perdeu a virgindade ou consegue manter o sucedido em segredo, e tudo lhe corria bem, ou só tinha três alternativas: a prostituição discreta, se fosse pobre, o celibato ou um casamento arranjado. [...] Das noivas era exigida pureza: virgindade e nada de contatos com o sexo oposto (Del Priore, 2006, p. 279-280).

Interessante é notar que a postura de Porciúncula em relação à Maria diverge bastante do olhar masculino impresso pela figura do pai da mulher. O mulato é o homem humanizado, que se encanta por Maria, e não apenas por sua beleza física. Pelo olhar de Porciúncula, a qualidade de prostituta não a inferioriza, não diminui o valor da vida da mulher que admira e por quem nutre uma paixão. É exatamente por conhecer a história de Maria e os desdobramentos que a levaram ao lugar e à condição em que se encontra, que Porciúncula a respeita e reconhece a singularidade de Maria do Véu entre tantas outras.

Maria, dentre todas as raparigas da casa de Tibéria, era a mais nova. Traz consigo uma velha boneca de pano que mais parecia uma bruxa, ainda brinca. Costuma brincar de noivado e casamento, vestindo a boneca a caráter e fantasiando o desejo que nutria. Cumpre com as obrigações do trabalho, mas nunca encontrou a quem por amor pudesse se entregar, embora nutrisse certo afeto pelo mulato.

Maria deitava com um e com outro, se animava na hora, não era que não gostasse. Mas depois de terminado, terminado estava, nem queria conversa. Gostar mesmo, desse gostar sem fim, de xodó doendo, de sofrer por não ver, etc., e tal, ah! ela nunca gostou de nenhum. A não ser que tivesse gostado do mulato Porciúncula mas, então, por que nunca dormiu com ele (Amado, 2008, p. 27).

Mesmo com a perda de sua honra com o filho do coronel, pois Maria acredita se tratar de uma promessa de casamento, teria aceitado casar-se apenas para realizar o sonho de noiva e do casamento, mas ela não o ama. A menina, que “já botara corpo e peito de mulher”, demonstra ser uma mulher decidida, forte, perseverante e, a seu modo, independente. Tem o próprio corpo a seu fazer e usa dele para que possa viver, sustentar a si mesma e ter um teto onde morar. Passa a ter autonomia e independência, o que marca um perfil de mulher divergente do esperado para o contexto. Para Gonçalves (2008, p. 103), isso representa “a possibilidade de sustentar [que] a própria identidade vai ampliando a autonomia das mulheres, que se sentem mais seguras, com coragem para ousar, para se lançar mais e perder o medo”.

Poderíamos dizer que Maria do Véu exala amor-próprio e, embora viva para si, tem afeto suficiente para compartilhar com aqueles por quem tem amizade, a exemplo do mulato. Maria é simples, e como natural ao ser humano, está em busca da felicidade.

Diversão para ela não era cinema, nem cabaré, dança, botequim com cachaça, passeio de barco. Era só casamento para espiar o vestido da noiva. Cortava retratos de revistas, noivas de véu, anúncios de lojas com vestidos de casar. Tudo pregado na parede de seu quarto, noivas e noivos, padres, cortejos. Com retalhos, vestia de noiva a nova boneca, presente de Tibéria e das outras. Uma menina, tão ainda menina que dizia louquinha a Tibéria: “Um dia há de chegar e eu

visto um vestido desses”. Riam dela, puxavam pilhérias, diziam dichotes, ela não mudava (Amado, 2008, p. 34-35).

Se Maria até ali não havia amado alguém o suficiente, nem aparentava estar em busca de um pretendente, então o sonho do casamento parece encontrar correspondência no desejo de assumir o lugar da noiva, de vestir-se de noiva, de entrar na igreja usando o vestido que esbanja notoriedade para a mulher na ocasião. Essa projeção pode ser o reflexo do papel que a sociedade projetou para a mulher: a de que deve se casar, construir uma família e encontrar no matrimônio a felicidade. Para Simone de Beauvoir (1967), por terem sido educadas em um modelo socialmente admitido, o destino normal das mulheres “seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina” (Beauvoir, 1967, p. 2).

No caso de nossa personagem, se assim se projeta como noiva, não está necessariamente em busca de um pretendente. Maria do Véu não viveu muito, sua vida foi breve: “O fim foi naquela gripe de uns anos atrás que baqueou meio mundo. Maria do Véu caiu com febre, era fraquinha, não durou quatro dias. Porciúncula só soube da notícia com ela já morta” (Amado, 2008, p. 40). Se a causa de sua morte foi a gripe que contraiu, por outro lado sua existência já estava condicionada ao fim pelo próprio sistema patriarcal, pilar da sociedade de seu tempo.

Não se pode negar que Maria resistiu, ela encontrou em si mesma motivos para prosseguir, o que demonstra a força que trazia em seu interior. Mesmo na hora de sua morte, os sonhos de Maria ainda permaneciam e no momento derradeiro pedira a Tibéria que fosse enterrada vestida de noiva. Ao mulato Porciúncula, a mulher revelou o último desejo

da defunta: “Ela queria ser enterrada de vestido de noiva, com véu e grinalda. O noivo, dissera, era o mulato Porciúncula, estavam pra se casar” (Amado, 2008, p. 41). O pedido é atendido, Porciúncula se encarregou de cada detalhe, certificou-se de que Maria do Véu fosse a noiva mais linda que já viu.

O narrador descreve o momento final da despedida que os amigos fizeram para Maria: “vestiram Maria, o rabo de vestido saía da cama, rolava no chão. Tibéria veio com um buque e pôs nas mãos de Maria. Noiva tão linda nunca houvera, tão serena e doce, tão feliz na hora de casar. Agora, junto da cama, sentou-se Porciúncula, era o noivo, tomou da mão de Maria” (Amado, 2008, 44). O conto e a escrita de Jorge Amado, tendo em vista a criação das personagens, valorizam os tipos humanos mais vulneráveis, vistos como inferiores por grande parte da sociedade.

A mulher, aqui, assume protagonismo e faz de sua vulnerabilidade a força e a coragem para combater às agruras da vida. Muitas Marias do Véu tiveram suas vidas resumidas à submissão e à violência, e nesse sentido, a narrativa traz de maneira leve, sensível e impactante a necessidade de repensarmos estruturas sociais que oprimem, excluem e determinam os lugares que devem ser ocupados pelo outro, por esse outro que em detrimento de sua condição sofre o poder exercido por um conjunto de forças contra as quais é quase impossível de lutar. Maria do Véu é um anúncio de que

as mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do “eterno feminino”: a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem [...] (Beauvoir, 1967, p. 2).

Nesse embate entre o passado e o presente observa-se que graças à luta feminista, a vida das mulheres é menos complexa, mas não menos exigente, e que romper com os costumes da sociedade e os ciclos de violência contra a mulher continuam sendo os maiores obstáculos para a sua existência. Dessa forma, ao apresentar um novo posicionamento sobre as normas sociais, Jorge Amado considera que essas mulheres têm força para resistir à ordem pré-estabelecida, criticando a hipocrisia e a sociedade patriarcal da época.

4 Considerações finais

O presente artigo se propôs a discutir a representação da mulher na narrativa “*De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto*”, conto publicado em 1959 pelo escritor baiano Jorge Amado. Foi apresentada nesta análise uma das muitas facetas do escritor: o conto, narrativa breve que nos abre para um mundo cheio de significados e nos faz refletir sobre questões humanas e sociais. O conto do escritor Jorge Amado aborda, por meio de uma escrita breve, alguns dos temas já tratados em seus romances, como a mulher, a prostituição, aspectos da sociedade patriarcal, entre outros, marcados com recursos de humor e ironia.

Nas produções literárias de Jorge Amado, a vida das mulheres é caracterizada pelo preconceito e pelo cumprimento de normas sociais. Pode-se observar a preocupação do escritor em expor a forma de como as mulheres que estavam à margem da sociedade eram vítimas de uma sociedade opressora e tinham suas vidas marcadas por dificuldades, abusos, maus-tratos, vistas apenas como objetos de satisfação do desejo masculino. De tal maneira, nota-se a necessidade do autor de representar a mulher

no contexto da sociedade patriarcal, problematizando os costumes sociais e dando visibilidade aos marginalizados.

Dessa forma, tem-se, no conto analisado, a evidência de que a figura feminina, representada pela personagem Maria do Véu, apresenta-se no plano da ambiguidade entre a virtude e a imoralidade, a qual essa ambivalência marca o período de transição pelo qual passava a sociedade brasileira do século XX. Outro aspecto importante a ser pontuado é o fato de o autor apresentar a fantasia da personagem – seu sonho de vestir-se de noiva, casar-se, e a não realização desse imaginário, o que revela a crítica para ressignificação dos direitos e espaços sociais para a mulher. É nesse sentido que o conto revela, por meio de uma dimensão simbólica, o descarregar do defunto, ou seja, livrar-se da culpa, em que o autor descarrega sua crítica social aos leitores.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BEAUVOIR, Simone. (1967) **O Segundo Sexo, Volume 2**. Difusão Européia do Livro, 2ª Edição, 1970.

BURITI, Iranilson. Espaços de Eva: A mulher, a honra e a modernidade no recife dos anos 20 (século XX). **Revista História Hoje**. São Paulo, nº 5, 2004. ISSN 1806.3993. Disponível em: Acesso em: 20 out. 2023.

CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos políticos-culturais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2011.

FIGUEIREDO, V. A. Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Teresa Batista cansada de guerra. **Revista Garrafa**, v.7, set./dez. 2005.

GONÇALVES, Betânia Diniz. **Identidade feminina e a inserção no mundo do poder: uma análise psicopolítica**. Curitiba: Juruá, 2008.

PRIORE, M. L. M. **História do amor no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RICCARDI, Giovanni C.F. **I romanzi dell'alegria, i romanzi dell'passione di um grande" contador de histórias" baiano e universale Letterature d' America**, 1990.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: Fundação seade, v. 13, n. 4, out./dez. 1999, pp. 82-91. Disponível: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v13n04/v13n04_08.pdf Acessado em 20/10/2023.

SANTOS, Itazil Benicil dos. **Jorge Amado: retrato incompleto**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.